

MEMÓRIAS AMBIENTAIS E SOCIAIS: ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE REALOCAÇÃO DOS MORADORES DO ANTIGO ASSENTAMENTO COLINA VERDE DE XANXERÊ – SC^{1a}

Regiane Mendes da Silva Giroletti^{2b}
Maria Angélica Petrini^{3c}

RESUMO

Este artigo analisa como foi o processo de realocação dos antigos moradores do Assentamento Colina Verde em Xanxerê no ano de 2013, para o loteamento João de Barro, localizado no bairro vila Sésamo. Com o passar dos anos, reacendeu as discussões sobre como fazer uma realocação que envolvam pessoas em situações consideradas de risco e o que deve ser levado em consideração. A área denominada Colina Verde teve toneladas de lixo soterradas e dezenas de famílias que viveram por mais de vinte anos e que se instalaram por uma iniciativa da municipalização na década de 90. Após esse período no qual foram instalados de forma equivocada, sem consultas a Leis ambientais ou diagnóstico técnico, como laudos que apontassem a condições do solo, as famílias residentes do Assentamento Colina Verde foram realocadas para o condomínio habitacional João de Barro. A pesquisa foi desenvolvida de maneira exploratória, qualitativa e pesquisa de campo, em que a geração de dados foi extraída através de entrevistas com os moradores que agora residem no loteamento João de Barro, tendo como foco o processo de suas realocações. A partir das informações obtidas das entrevistas constatou-se que a grande maioria dos moradores que saíram do Colina Verde sentem saudades de seu antigo lar, devido as relações sociais e de trabalho estabelecidas ao longo desses 20 anos em que viveram no assentamento.

Palavras-Chave: Lugar. Memória Social e coletiva. Reciclagem. Topofilia..

1 Introdução: Resgate Histórico do Assentamento Colina Verde

¹ Artigo apresentado como requisito para conclusão de curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares em Leitura, no Instituto Federal de Santa Catarina, campus de Xanxerê.

² Tecnóloga em Gestão Ambiental. Pós-graduanda do Curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares em Leitura, do Instituto Federal de Santa Catarina, campus de Xanxerê. regianemsdgiroletti@gmail.com

³ Geógrafa e Doutora em Engenharia Agrícola. Docente do Instituto Federal de Santa Catarina, campus de Xanxerê. maria.petrini@ifsc.edu.br

A área denominada Colina Verde localizada no bairro Pinheiro no município de Xanxerê-SC, teve presente sobre seu solo além de toneladas de lixo soterradas, dezenas de famílias que viveram por mais de vinte anos e que se instalaram de forma irregular nesse local, que serviu de lixão para descarte dos resíduos sólidos oriundos das atividades humanas da cidade. Conforme descrito em França e Ruaro (2009):

Na região da AMAI, foram encontrados dois locais onde comprovadamente comunidades surgiram a partir do lixão ou sobre o lixão. Nos municípios de Faxinal dos Guedes e de Xanxerê, surgiram a comunidade de Santa Luzia e o Bairro Pinheiro, respectivamente, com casas e casebres construídos sobre o lixão que foi aterrado (FRANÇA e RUARO, 2009 p.30).

De acordo com os estudos realizados sobre em que condições se encontravam os resíduos sólidos coletados na região AMAI⁴, constatou-se que em dois municípios, além de haver a degradação ambiental do solo, onde eram depositados todo tipo de materiais recicláveis e os que deveriam ser destinados diretamente para o aterro sanitário, tinha o agravante de haver diversas famílias instaladas nesse local. Sánchez (2008) conceitua degradação ambiental da seguinte forma:

Assim degradação ambiental pode ser conceituada como qualquer alteração adversa dos processos, funções ou componentes ambientais, ou como uma alteração adversa na qualidade ambiental. Em outras palavras, degradação ambiental corresponde a impacto ambiental negativo. (SÁNCHEZ, 2008, p.27).

O documento da Agenda 21 de Xanxerê, ao fazer o diagnóstico dos bairros de Xanxerê, descreve o Colina Verde pertencente ao bairro Pinheiro mencionando a situação de falta de infraestrutura e caracterizada como um assentamento:

O Assentamento Colina Verde foi iniciado na década de 1990. [...] O local conhecido como Colina Verde, ao pé do morro do bairro Pinheiro, assentamento iniciado pela municipalidade sobre uma área, onde parte foi utilizada como lixão, continua sem rede de luz nem de água, e, devido à dificuldade em legalizar a área, apresenta várias sub-habitações. (PARIZOTTO e FAVERO, 2008, p.26-27).

Como pode ser percebido o início se deu por uma iniciativa do município de Xanxerê. O propósito da área do Colina Verde era de servir como local de descarte de lixo logo, serviu como um loteamento irregular sem qualquer análise de solo, para constatação se haveria possibilidade de se ter pessoas morando nesse espaço cujo solo foi depósito de lixo. Dessa forma, assim como o lixo jogado para fora do centro

⁴ AMAI é a Associação dos Municípios do Alto Irani, da qual Xanxerê faz parte.

urbano do município de Xanxerê, as pessoas que ali residiam tiveram o mesmo tratamento: o descaso.

O lixão que antes servia como depósito de lixo a céu aberto, recebeu camadas de terra, para aterramento dos rejeitos, assumindo um novo papel: o de acolher os marginalizados e esquecidos e sem tratamento digno. Davi e Giroletti (2010) mencionam que:

Moradores do Assentamento Colina Verde reclamam muito sobre o atendimento relacionado a policiamento, serviços de emergência que nunca chegam até eles, segundo um morador serviços como o de corpo de bombeiros não atendem a chamados da população do Colina Verde. E em todo assentamento apenas uma família possui um meio de transporte próprio, deixando-os completamente ilhados. (DAVI e GIROLETTI, 2010, p. 28).

Após esse breve relato sobre os registros e dos estudos acontecidos no assentamento Colina Verde, onde o excesso de metais pesados como: cobre, manganês, zinco, magnésio e potássio se encontravam em quantidades elevadas, acima do permitido para uma condição de vida humana, fazendo-se necessário a retirada das pessoas desse local inóspito e a retirada total dos rejeitos depositada naquele espaço, processo esse realizado, tanto das pessoas quanto das toneladas de rejeitos.

Sendo assim, esse artigo é um desdobramento de um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Análise Ambiental do Assentamento Colina Verde em Xanxerê no ano de 2010” (DAVI e GIROLETTI, 2010), em que foram levantados dados ambientais em relação ao solo e aos moradores que ali residiam. A partir das análises de solo e entrevistas foi possível realizar um estudo sobre o grau de contaminação de solo por metais pesados, bem como a situação socioeconômica das famílias ali alocadas.

Várias foram as notícias que fizeram com o que o Colina Verde não fosse esquecido. No entanto, a que causou espanto foi a morte de uma criança de três anos asfixiada por vermes⁵. E, assim, os moradores do Colina Verde, saíram por alguns minutos de suas posições marginais e ganharam destaque na mídia que levou a

⁵ FARIA, Leticia. Criança de três anos morre em Xanxerê asfixiada por vermes. Tudo sobre Xanxerê. Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/crianca_de_tres_anos_morre_em_xanxere_asfixiada_por_vermes>. Acesso em: 27 out. 2018.

informação a população xanxerense, sobre o descaso com as famílias residentes naquele espaço afastado do centro urbano.

Com o vigor da Lei 12.305/2010, que trata sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos⁶, o assentamento irregular Colina Verde foi desapropriado e teve sua área total recuperada, com a retirada de toneladas de lixo que foram encaminhados para o aterro sanitário do município. O local passou por uma revitalização acompanhada por um corpo técnico de diversos profissionais e estudantes da Universidade do Oeste de Santa Catarina, como o Trabalho de Conclusão de Curso de Collet (2013), relatando a remediação do Colina Verde escrito no mesmo ano em que as famílias foram realocadas para no conjunto habitacional João de Barro.

O que nos falta saber hoje é como estão os moradores que um dia viveram naquele lugar. Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é analisar o processo de realocação dos moradores que residiam no antigo lixão desativado Colina Verde para o Loteamento João de Barro, se assim como foi um sucesso a revitalização da área do Colina Verde houve o mesmo tratamento com as pessoas que lá residiram.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A memória está ligada intimamente as informações presentes nos lugares em que vivemos, nos tempos e sobretudo em nossas experiências que devido a significância fica alocada para que seja acionada sempre que algo familiar é lembrado ou por algo que aconteceu ao longo do nosso percurso de vida. Segundo Delgado (2007), tempo e memória são pontes fundamentais que ligam o presente e o passado, reconhecer a história que nos cerca é conhecer a si mesmo. Chauí (2000) nos diz que a memória pode ser definida como sendo:

[...] evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo. (CHAUÍ, 2000, p.159).

⁶ Política Nacional de Resíduos Sólidos reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotados pelo Governo Federal, isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos (art. 4º).

Ainda segundo a autora, a memória é classificada em seis tipos, sendo eles: memória perceptiva ou reconhecimento, importante para nosso dia-a-dia, como lembrarmos do lugar onde moramos, como chegar até ele, as pessoas pelo qual nos relacionamos; Memória hábito aquela que utilizamos quando através da repetição aprendemos determinados costumes e palavras; Memória fluxo de duração pessoal, são as lembranças que guardamos por serem importantes que pode ser de caráter afetivo ou pelo conhecimento julgado importante; Memória biológica, os códigos genéticos dos humanos; Memória artificial das máquinas e a Memória social e história definida como sendo:

[...] fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc.) e fora de nós. (CHAUÍ, 2000, p. 163).

Ter acesso à história social mantém viva a cultura e a identidade de um povo através das memórias, recordações, experiências, servindo como fonte de informações sobre determinado momento histórico. Tuan (1983), salienta que a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. Dessa forma, saber sobre a história de um povo, de uma comunidade, possibilita dar voz aos sujeitos do tempo presente, onde a sua identidade é fortalecida pelo conhecimento de si mesmo, sobre sua cultura, seus costumes, que vão perpetuar ao longo das gerações através da memória individual ou coletiva. A formação da memória coletiva se dá através das memórias individuais, ela é tecida por pessoas que a compõe. HALBWACHS (1990), afirma que:

[...] a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 52/53).

O autor faz uma comparação entre a memória interna como sendo a memória individual, e a memória externa compreendida como sendo a memória coletiva. Sabendo pois, que um grupo ao se apropriar do lugar em que vive através do tempo dispensado nele produz o sentimento de pertencimento, Santos (2014, p. 64), afirma que, “cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico”, sendo assim a construção da memória coletiva a partir de um grupo de pessoas se torna fonte

histórica, passa a contribuir na construção da história daquele lugar, que está inserido dentro de uma cidade, estado, tecendo a teia da construção da história de um povo.

É correto afirmar que tempo e lugar se entrelaçam na construção da história que se desenrola enquanto se experencia a vida nos lugares vividos ou com as pessoas que estabelecemos relações sociais. Santos (2014), afirma ainda que o “geógrafo deve se preocupar com as relações regidas pela história”, tão importante quanto as relações estabelecidas no lugar é saber de que forma aconteceu o movimento histórico, como as relações se formaram.

No lugar cria-se laços afetivos, se estabelecem relações, vivenciam experiências e conseqüentemente se estabelece a relação de pertencimento, HOLZER (2000 p.113), define o lugar como sendo: [...] conjunto complexo, enraizado no passado e incrementando-se com a passagem do tempo, com acúmulo de experiências e de sentimentos. Tempo e espaço coabitam juntos, sendo que o tempo vivido no lugar endossa a afeição. Carlos (2017), descreve o lugar como sendo:

[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar de vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. (CARLOS, 2007, p.16).

O elo gerado com o lugar onde as produções humanas acontecem em consonância com a natureza, a afeição, o sentimento de pertencer aquele determinado lugar recebe o nome de topofilia: elo entre o homem e o lugar. Tuan (1983 p. 12), coloca que o mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido pelos nossos sentidos, apenas olhar o que se passa em um determinado lugar não possibilita saber o quanto as pessoas que ali residem gostam do lugar construído através das relações sociais e do tempo ali depositados ao longo de suas vidas. Dessa forma, **topofilia** pode ser definida como:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida, em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1983, p. 107).

3 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo principal analisar o processo de realocação dos moradores do Colina Verde para o loteamento João de Barro, através de entrevistas estruturadas com perguntas fechadas e abertas, fazendo uso da memória dos moradores, que de forma individual responderam aos questionários, e a partir de alguns dados socioeconômicos, foi permitida a construção da análise.

A relação dos moradores realocados foi disponibilizada pelo setor de habitação da Prefeitura de Xanxerê. Para tanto, foram entrevistadas seis famílias nos dias 26 e 28 de setembro de 2018, totalizando 46% das treze famílias contempladas com residências no loteamento João de Barro.

Para preservação dos dados dos entrevistados, as famílias entrevistadas receberam códigos do alfabeto, sendo gravada de forma integral e alguns trechos foram transcritos para discussão dos resultados.

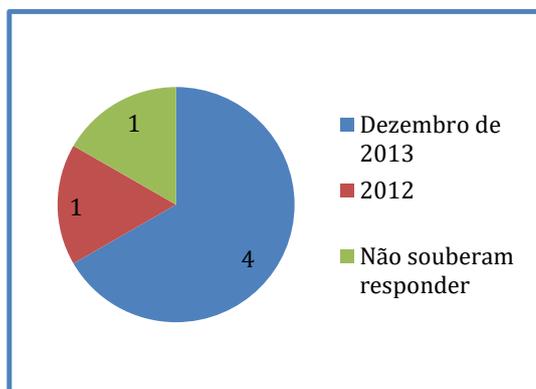
Além da pesquisa de campo, buscou-se também um levantamento de documentos, publicações e reportagens que abordaram o Colina Verde, ao longo da sua existência, enquanto assentamento e temas que envolvessem realocação de pessoas.

4 RESULTADOS

4.1 Diagnóstico socioeconômico dos moradores realocados para o loteamento João de Barro

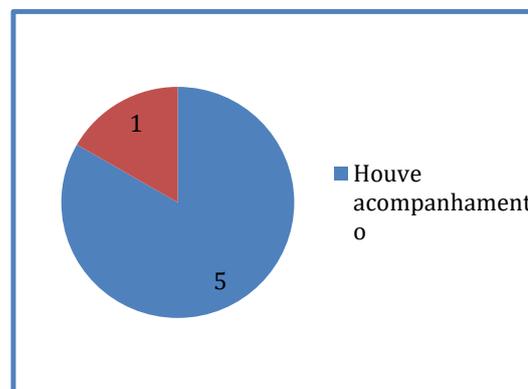
Através dos dados coletados começamos por apontar o ano em que os moradores entraram no loteamento João de Barro e, de acordo com as informações apresentadas no Gráfico 1, constatou-se que quatro famílias afirmam que essa apropriação ocorreu em dezembro de 2013, uma diz ter sido em 2012, e outra família não se lembrou do ano que seus familiares se instalaram na nova moradia.

Gráfico 1. Ano de entrada dos moradores no Loteamento João de Barro.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2. Acompanhamento dos futuros moradores nas construções das casas.



Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se ao analisar o Gráfico 2, que cinco famílias alegaram que acompanharam o processo de construção de suas futuras casas, uma respondeu que não houve acompanhamento. Se realizarmos uma comparação com o Gráfico 1, essa única família que diz que não acompanhou a construção de sua futura residência, também não soube responder quando tomou posse. No entanto, cinco famílias que acompanharam as obras do novo loteamento tiveram respostas diferentes quando o assunto estava relacionado sobre o ano que entraram no novo loteamento João de Barro, que foi construído para abrigar as famílias que estavam em situação de risco e, entregues de forma gratuita através do recurso do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social tendo como empresa responsável pelas obras após licitação a empresa ECGT Construções Ltda – ME, empresa especializada em engenharia e que foi selecionada para construção de 50 unidades habitacionais geminadas com 39m² cada⁷.

Mas o que todos os moradores possuem vivo nas lembranças são como ficaram por um período de dois meses sem água e energia elétrica. Quando tiveram que tomar posse de suas residências no loteamento João de Barro, sem a finalização das obras pois faltava um muro de contenção que a Caixa Econômica Federal solicitou para liberação das unidades habitacionais, conforme reportagem do site Tudo Sobre

⁷ Conforme portal cidadão do TCE, o valor utilizado para construção das 50 casas foi de R\$ 1.849.093,53. Disponível em: <http://portaldocidadao.tce.sc.gov.br/home.php?idmenu=municipio&menu=governolicitacao&nu_ano=2012&id_modalidade=3&id_processo=738193> acesso em: 06 de janeiro de 2019.

Xanxerê⁸ exibida no dia 15 de outubro de 2013, que explicou sobre as invasões que estavam acontecendo e o porquê do atraso na entrega da obra.

Diante do risco de ficarem sem suas residências, os moradores por conta própria saíram do Assentamento Colina Verde e deram início ao processo de realocação de forma irregular, deixando-os mais uma vez em uma situação de vulnerabilidade, já que as unidades habitacionais não tinham liberação do habite-se. Não havia água para as necessidades básicas para os novos moradores. A fim de contornar a situação instaurada, a Prefeitura Municipal de Xanxerê instalou uma caixa d'água para suprir as necessidades básicas dos novos integrantes do novo loteamento. (DEBIASI, 2014).

Em relação ao número de pessoas que compunham o grupo familiar, apresenta no Gráfico 3, que duas famílias possuem de dois a três integrantes; duas de quatro a seis integrantes e, para finalizar as outras duas famílias concentram o maior número de ocupantes no seu núcleo familiar com mais de seis pessoas, sendo uma dessas famílias composta por quinze pessoas morando em uma casa que contava com apenas dois quartos, cozinha e banheiro, e por serem residências geminadas a única divisão que delimita o terreno e a casa em si é uma parede de alvenaria que foi feita de tijolo deitado, conforme a Imagem 1.

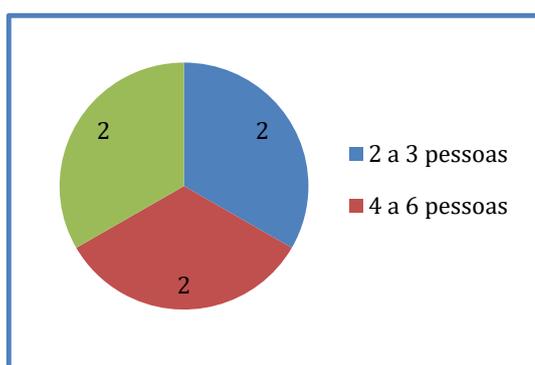


Imagem 1. Casa geminada loteamento João de Barro.
Fonte: Acervo pessoal (2018)

⁸ FARIA, Leticia. **Futuros moradores do Residencial João de barro realizam 1º visita**. Tudo Sobre Xanxerê. Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/futuros_moradores_do_residencial_joao_d_e_barro_realizam_1_visita> Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

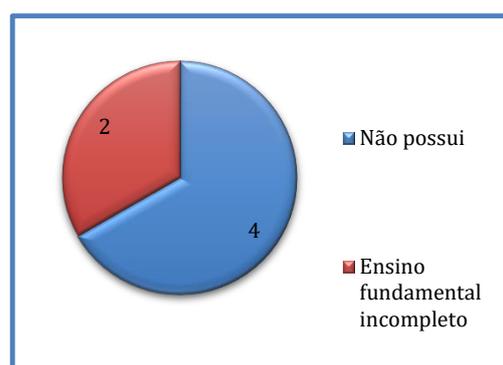
Dessa forma, em um terreno que possuem duas casas de 39m², pode-se ter facilmente no mesmo espaço mais vinte pessoas residindo em um único terreno, extinguindo totalmente a possibilidade de conforto e privacidade para os moradores, que moram praticamente juntos, mesmo sendo duas famílias distintas.

Gráfico 3. Número de componentes dos grupos familiares entrevistados.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4. Nível de escolaridade



Fonte: Elaboração própria.

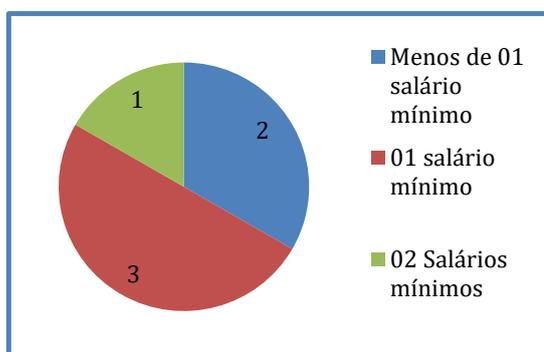
Outro ponto a ser destacado é que os grupos que trabalham com reciclagem, com maior número de integrantes, moram nas residências localizadas no final da rua. Para acomodarem todos os familiares, são feitas extensões em suas residências, aproveitando o máximo do terreno de sua casa para construção de “peças”. No caso das duas famílias que trabalham com reciclagem, os materiais recicláveis que esperam pela segregação ficam alojados na rua, em frente suas casas.

No Gráfico 4, constatou-se que mesmo depois de cinco anos após o processo de realocação, questões relacionadas à escolaridade continuam sendo um ponto que ainda necessita de atenção, uma vez que quatro famílias possuem integrantes analfabetos em idade adulta.

Em relação a renda que cada família possui para suas despesas mensais, no Gráfico 5, temos a seguinte representação: uma família recebe dois salários mínimos; dois grupos familiares recebem menos de um salário mínimo, e três famílias recebem um salário mínimo⁹.

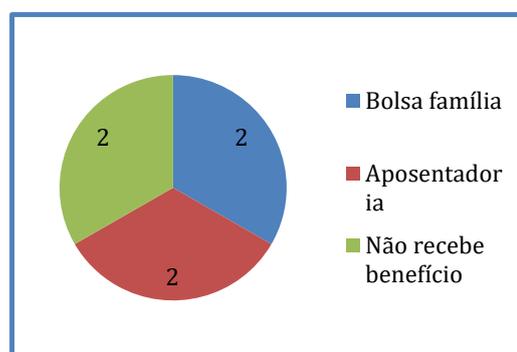
⁹ Valor do salário mínimo vigente em 2018: R\$ 954,00.

Gráfico 5. Renda Familiar



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 6. Beneficiados com programas sociais ou seguridade social

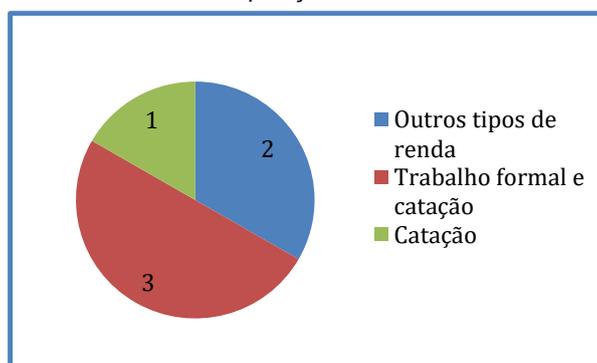


Fonte: Elaboração própria.

Quanto a composição da renda familiar, no Gráfico 6, representa os moradores contemplados com os programas sociais, do grupo de seis famílias, duas não recebem nenhum benefício social, reafirmando que a catação de materiais recicláveis está presente na geração de renda dos moradores.

Percebe-se através do Gráfico 7, que a composição da renda familiar envolve a catação de reciclagens, sob forma de complementação de renda ou caráter exclusivo, como o caso da família com maior número de integrantes que vivem na mesma residência e sobrevive da separação e venda de material reciclável.

Gráfico 7. Composição da renda familiar



Fonte: Elaboração própria

Deste modo, a maneira como essas famílias trabalham contribui para destinação correta dos materiais recicláveis, que por sua vez retorna ao processo produtivo sob forma de matéria prima, gerando renda para seu grupo familiar e contribuindo de forma ambiental. No entanto, quando o resíduo se torna rejeito é jogado no próprio local, em algumas situações esse descarte é queimado aumentando o poder de poluição tanto do solo quanto do ar, já que alguns tipos de plásticos são potencialmente tóxicos.

Percebe-se na Imagem 2, que embora seja imprescindível o exercício da profissão dos catadores, a maneira como está sendo conduzida pode tornar o local de suas moradias no mesmo espaço no qual residiam anos atrás, onde rejeitos eram jogados nos terrenos próximo de suas residências. A semelhança pode ser notada na Imagem 3, produzida no ano de 2010, no então assentamento Colina Verde.



Imagem 2. Loteamento João de Barro.
Fonte: Acervo pessoal (2018).

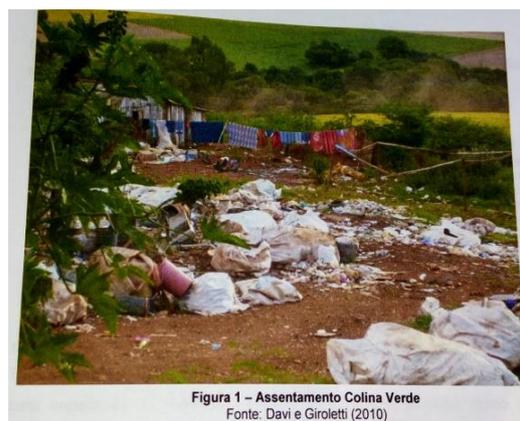


Imagem 3. Assentamento Colina Verde
Fonte: DAVI e Giroletti (2010).

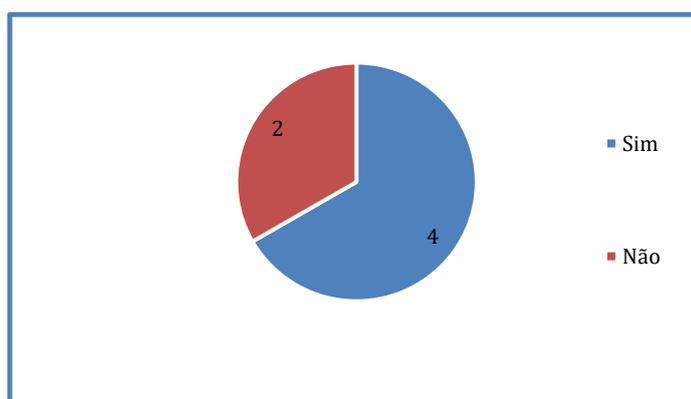
4.2 Memórias e relatos dos moradores realocados

Em relação à qualidade de vida, os entrevistados foram unânimes em responder que houve melhoria nas condições de infraestrutura no novo local em relação ao lugar onde moraram. No que se refere à infraestrutura, o loteamento João de Barro, possui ruas pavimentadas, iluminação pública, saneamento e água encanada. Não possui área de lazer nem calçadas. Como ações ambientais no início do povoamento do loteamento João de Barro, árvores foram plantadas em frente as residências, mas, poucas são vistas pelo conjunto habitacional, uma horta comunitária foi desenvolvida para que os moradores pudessem adquirir uma alimentação saudável e cada família tinha direito a dois canteiros para plantar as hortaliças. Existe uma cisterna para uso da horta comunitária, mas que nem todos utilizam devido ao convívio com outros moradores que foram realocados vindo de outros bairros.

Miorô. não ela melhorô por causa que pelo menos a gente tem casa boa, tem banheiro, tem chuveiro. Que nem essa menina aqui, (apontando para sua filha que fazia a seleção de plásticos em frente de sua casa) de manhã, acordava cedo tomava banho na torneira. (FAMÍLIA F).

Entretanto quando no que se refere a voltar a morar no Colina Verde, se fosse permitido quatro famílias disseram que sim que voltariam a morar e que sentiam saudade do lugar, outras duas, disseram que não voltariam e que não sentem saudades.

Gráfico 8. Vontade de voltarem para o lugar onde moravam.



Fonte: Elaboração própria

Ao descreverem o antigo espaço onde moraram por anos alguns moradores lembram com saudosismo do Colina Verde devido as relações sociais que foram formadas naquele lugar, que com o processo de realocação houve uma quebra, porque nem todas as famílias foram contempladas com as unidades habitacionais e os que foram contemplados foram direcionados para vários pontos do novo espaço que teve além dos moradores do assentamento Colina Verde, outras famílias que estavam em situação de risco.

[...] Sim, porque parece que lá era mior de nois tá, só não linha luz, água tinha" (FAMÍLIA A)

Uma família diz que:

[...] Nós ficamos 23 anos lá. Os primeiro morador... Eu criei meus fios lá, eu tenho 8 foram tudo criado lá. Eu tenho 8 tão tudo aqui comigo, por isso que te disse, tenho 5 neto já. Lá no Colina Verde se tocasse de voltar a morar lá, eu voltava de novo a morar lá porque lá é muito bom... [...] Mesmo sem água ou sem luz eu voltaria ". (FAMILIA C).

Já outra diz:

[...] Sim, porque nois criamos todas as crianças lá i...lá era tudo unido sabe... nós ficava até umas hora da noite tomando chimarrão, tudo...e tem muitas pessoas que já não existe de lá, que vieram pra cá e estranharam as casas

de material e morreram por causa disso, porque lá era tudo chão assim..., sim era chão. Até as crianças eles tem, se criaram lá tem saudade! (FAMÍLIA D).

Questionada sobre quantos anos a moradora residiu no Colina Verde, a “Família D”, começou a discorrer, sobre a aquisição do terreno naquele local:

[...] Essa minha menina está com 22 ou 23 anos? Não sei – 23 (responde a filha), ela ia fazer 4 anos. Nós compreimo, nós compreimo o terreno com uma “meia águinha”. Na época de dois mil e meio. [...] compreimo de outro segundo.

Perguntado sobre onde havia conseguido o contrato a família respondeu:

A prefeitura deu pra todo mundo. Ele era um senhor de idade, daí ele foi morar com o filho dele que, que é o sogro dessa que tava aqui, e daí ele passou para nós o terreno, daí eu paguei esse valor pra ele, daí passou pra nós e deu o contratinho junto, foi da onde passemo a morar lá no bairro.

Logo, a moradora da família D, afim de comprovar a sua chegada no assentamento, mostra seu álbum de família, comentando que a mesma mulher que hoje tem 23 anos, tinha 4 anos de idade na época em que morou no Colina Verde.

A família F também descreve o local com grande saudosismo, lembrando dos laços afetivos entre a vizinhança:

[...] *Porque lá era bom de morá (risos), não, era muito bom de morá. Era assim ó, os vizinhos tudo se davam bem, entendeu, tudo o que um cumia, tudo cumia junto, as piasada era tudo junto. Que nem essa minha que é casada (mostra com os olhos sua filha que estava classificando material reciclável), o outro meu piá que mora lá trás, daí era tudo turma de piasada, tudo junto né, isso e agora não. Agora cada um pra si, Deus pra todos*. (FAMÍLIA F).

A análise dos dados permitiu que soubéssemos que algumas famílias visitam o seu antigo lar mesmo após cinco ano.

[...] A gente foi lá várias vezes. A gente foi lá buscar radicha. (FAMÍLIA F).

[...] Nós vamos sempre lá colhê remédio, nós vamos lá semana que vem [...] cada tempo nois vamos. É um lugar abençoado! Quando nós fumos pra lá era tudo piquenino”. (Família D).

Os relatos dos moradores revelaram que por mais de vinte anos o Colina Verde serviu como moradia para diversas famílias e, que algumas delas foram levadas pela municipalidade. Com o propósito de despejar o resíduo produzido pelos munícipes a prefeitura municipal adquiriu o terreno que ficou em atividade por dois anos (FRANÇA e RUARO, 2009). Nesse tempo no qual os moradores se instalaram no Assentamento

Colina Verde, passaram a investir as suas emoções em seu novo lar, em seu novo espaço, gerando um sentimento com o lugar onde Tuan (1983), descreve como sendo Topofilia, ou seja um sentimento desenvolvido com lugar que moramos.

Esse elo do lugar com o ser humano não foi desenvolvido apenas porque o Colina Verde era rodeado de uma vegetação verde, se parecendo com uma vida de campo, mas pelas relações sociais produzidas ao longos desses anos, Tuan (p.250, 1983), afirma que satisfação não significa afeição profunda, dessa forma de maneira geral os moradores estão satisfeitos por mudarem para o loteamento João de Barro e terem uma residência de alvenaria, um banheiro dentro de suas residências, água para uso de suas necessidades básicas, entretanto, estão em busca do pertencimento do lugar, nesse novo conjunto habitacional.

Percebeu-se através da pesquisa de campo que mais de 50% dos moradores entrevistados do Conjunto Habitacional João de Barro, estão ligados a trabalhos que envolvam a reciclagem, tornando-se uma forma de geração de renda e em alguns casos o único meio de subsistência das famílias. No qual todos contribuem para a triagem e a segregação do material reciclado, que após a separação, vendem esse material para os “sucateiros”.

A prática de separação de materiais recicláveis no “novo lugar” é a forma de trabalho que algumas famílias trouxeram consigo do Assentamento Colina Verde, o descarte praticado antes de forma irregular, com despejo dos rejeitos a céu aberto é o mesmo utilizado no loteamento para qual se mudaram. Essa forma de trabalho que se inicia com o recolhimento do material reciclável, segregação e descarte dos rejeitos que não servem, é repetida nesse local.

Indagados sobre para quem entregam o material segregado, os moradores que trabalham com essa prática responderam que entregam o material para dois “sucateiros”, que compram os materiais segregados, a um custo relativamente menor e revendem para as indústrias de reciclagem, eximindo-se da mão de obra da separação das aparas e responsabilidade da destinação final dos rejeitos

Bastos e Magalhães (2016) dissertam a respeito da reciclagem afirmando que na atualidade o mercado de recicláveis permite horizonte sustentável, como também, atraente do ponto de vista do empresário da área de reciclagem, de modo contrário, faz uma negação daqueles que dão início a cadeia produtiva, ou seja, o catador de materiais recicláveis.

Cabe destacar uma situação de negligência já instaurada no loteamento João de Barro, tendo em vista que a relação de trabalho desenvolvida coloca em risco a saúde dos catadores e do meio ambiente. Na Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010), para que os municípios tenham acesso aos recursos da União, no seu Plano de gestão integrada de resíduos sólidos, deve ser contemplada a coleta seletiva e o incentivo aos catadores de recicláveis para ao exercício da sua atividade de trabalho, sobretudo vinculados a cooperativas, a fim de proporcionar a geração de renda dos materiais recicláveis e condições de trabalho, já que vinculados a cooperativas ou associações estariam em um local apropriado para segregação.

Nesse sentido a poluição de solo também estaria resolvida já que o destino do material rejeitado seguiria para o aterro sanitário, evitando que práticas que prejudiquem o meio ambiente acontecessem. Na Lei 12.305, que estabelece conteúdos mínimos que devem ser contemplados no plano Municipal de gestão integrada, vale destacar o inciso XI do Art. 19:

XI – programas e ações para a participação de grupos interessados, em especial das cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda, se houver; (BRASIL, 2010).

Fica revelado que as famílias que residem hoje, no loteamento João de Barro e que trabalham com materiais recicláveis, necessitam de um olhar mais atento do poder público para que esse profissional possa exercer seu trabalho de forma digna e amparada por uma associação ou cooperativa que possam os representar, considerando que, essa classe de trabalhadores é de suma importância para o trabalho o Plano Municipal de gestão integrada de resíduos sólidos, que, ao fazerem a triagem dos materiais recicláveis aumentam a vida útil dos aterros sanitários.

Quanto aos moradores que através da entrevista demonstraram interesse em voltar ao antigo assentamento Colina Verde, tal questão deu-se pelo fator social, os laços afetivos que tinham com a comunidade formada e, que alguns conviveram por mais de 20 anos, foram suficientes para apontarem a hipótese de volta, visto que ao serem realocados foram separados, embora estejam no mesmo loteamento, se encontram em ruas separadas. Outro ponto que merece destaque é a insegurança que ronda os moradores, devido a criminalidade presente na vizinhança. Talvez um dos pontos que possam refletir diretamente no pertencimento com o novo espaço habitado e sintam saudades do antigo lugar.

Milton Santos, no livro *Metamorfose do espaço habitado* (2014), aponta que:

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, pela aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação de fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 2014, p. 106).

O ambiente em que eles estão hoje é composto por uma história que se fez presente no assentamento, em que as necessidades eram mútuas, todos compartilhavam do mesmo propósito de sobreviver, de se ajudarem. Perto de completarem-se cinco anos da realocação, as relações sociais sofreram reformulações, devido à convivência com outros moradores vindos de outras localidades, criando um meio de vida mais individualista. Bracons (2012), ao descrever o processo de realojamento de um bairro multiétnico, discorre que mesmo que os moradores tenham conseguido realizar o sonho da casa própria, o saudosismo e nostalgia: [...] fica-se com a ideia que, nalguns casos ter-se-á perdido sobretudo, o ambiente familiar (BRACONS, 2012 p. 136).

Ao se fazer uso da fotografia para comprovar que morou no Colina Verde quando seus filhos ainda eram pequenos, a moradora D, utilizou o álbum de família como forma de legitimar que pertenceu aquele lugar, nesse sentido a fotografia assume uma postura de comprovação, alinhada ao relato de tempo em que viveram naquele ambiente esquecido pela sociedade, mas que se faz presente na memória e no registro da fotografia. Guimarães (2012) mensura com detalhes a riqueza que um álbum pode trazer na construção da história:

Fazer história com o álbum de fotografias da própria família para criança e jovens, por exemplo, pode mobilizar de forma altamente significativa as duas perspectivas: olhar as imagens como objeto de estudo das transformações que o correr do tempo revela das sociedades e que pode ser completada por outras fontes, como testemunhos do pai, da mãe, dos avós, da cultura material, etc., e vincular-se significativamente à sua própria história [...] (GUIMARÃES, 2012, p. 55).

Ficou claro que, ao guardarem seus álbuns de fotografias, ou de visitarem mesmo depois de cinco anos o Colina Verde hoje revitalizado, o que essas famílias fazem é manter vivas as recordações daquele lugar. A partir de uma fotografia o resgate da memória individual daquela família foi importante para lembrarem de que foi o município que os alocaram naquele terreno e que delimitaram território através de estacas no chão, como forma de separarem os terrenos.

Dessa forma, sendo entrevistados separadamente a memória individual acionada, pode dar vida a uma memória coletiva de convivências com acontecimentos que os marcaram. Revela, pois, que a memória pode ser utilizada como uma possibilidade de fonte histórica, Halbwachs (1990), afirma que um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelos às lembranças dos outros, assim as memórias dos moradores foram acionadas e transmitidas para que todos os fios que teceram a trama do tecido Colina Verde, possam ser investigadas e registradas como a história de um lugar negligenciado pelo setor público, que despreendeu o tratamento para as pessoas ali pertencentes ao mesmo nível do lixo rejeitados pelos munícipes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço é construído através da história de pessoas que deixam suas marcas no ambiente em que vivem, marcas como, o trabalho desenvolvido, as relações sociais estabelecidas, vivências do dia a dia ao longo da vida. Dessa forma os moradores que um dia residiram no antigo lixão da cidade de Xanxerê SC, que hoje possuem um novo lugar para chamarem de lar o Conjunto habitacional João de Barro), mantêm vivas as memórias da área agora recuperada Colina Verde, lugar esse que foi um espaço habitado e negligenciado pelo setor público, no momento em que serviu de descartes de toneladas lixo, até o dia em que disponibilizou a área para dar início a ocupação por mais de 20 anos, permitindo assim que dezenas de famílias residissem em cima de uma bomba formada por toneladas de lixo.

Próximo de completar cinco anos desde que os moradores saíram de um lixão desativado para o loteamento, localizado no bairro Vila Sésamo, revelou-se que ainda o lugar que foi revitalizado e os serviu por anos, está presente em suas memórias, que através de seus relatos, mostrou ser um lugar social em que mesmo sendo um ambiente inóspito devido à quantidade de lixo enterrada e impossibilitando a legalidade da instalação da energia elétrica, devido ao risco de explosão, as relações sociais afetivas que ali existiam eram o elo com o lugar. A comunidade formada naquele local se fortaleceu diante das necessidades em que todos compartilhavam, a união do grupo foi o ponto de maior destaque nos relatos.

Percebe-se a importância de um corpo multidisciplinar de apoio social em um processo de realojamento de pessoas em situações de risco, ajudando-os nesse processo de transição, que mesmo recebendo casas com uma infraestrutura com os

padrões mínimos, porém, sem espaço para convívio social, necessitam de uma atenção especial quanto às emoções que se formam, com desprendimento forçado em algumas situações de ter que deixar o local em que desenvolveram uma grande afeição.

Através das entrevistas ficou evidente que o processo de realocação causou impacto no pertencimento de lugar, já que os moradores foram separados, desativando os laços afetivos que Yi-fu Tuan descreve. Apesar de suas atuais residências serem de alvenaria, possuir acesso à luz e água, isso não foi suficiente para estabelecerem o pertencimento de lugar.

O novo lugar para qual os moradores foram enviados demonstrou falhas preocupantes, como: fiscalização da área quanto ao descarte de resíduos sólidos realizados pelos catadores; necessidade de incentivar os catadores a se filiarem a associações ou cooperativas de reciclagens, a fim de evitar o trabalho insalubre e a poluição do meio ambiente; políticas voltadas para educação ambiental, bem como a conscientização ambiental; a falta de uma área de recreação para os moradores; ações que incentivem a volta aos estudos dos jovens e adultos que residem no loteamento.

Ao dar possibilidade as pessoas de recordarem o seu passado, ficou claro que alguns pontos merecem atenção, para que situações vivenciadas no Colina Verde não se repitam no novo loteamento, como por exemplo o descaso com os resíduos sólidos descartado e queimado a céu aberto. Que as pessoas sejam inseridas e não esquecidas, que se sintam integradas socialmente, que a transição da realocação seja efetuada com cuidado, para que não haja impactos negativos na construção social do novo lugar, tendo em vista que lugar e sentimento estão intimamente ligados

ENVIRONMENTAL AND SOCIAL MEMORIES: STUDY ON THE PROCESS OF RELOCATION OF THE DWELLERS OF THE LATE SETTLEMENT COLINA VERDE IN XANXERÊ, SANTA CATARINA, BRAZIL

This paper analyzes how the process of relocation of the former residents of the Colina Verde settlement in Xanxerê, Santa Catarina, Brazil, in the year 2013, was carried out for the allotment João de Barro, located in the neighborhood Vila Sesamo. Over the years, it has rekindled discussions about how to do a relocation involving people in situations considered to be at risk and what should be taken into account. The area called Colina Verde had tons of trash buried and dozens of families who lived for more than twenty years and who settled by a municipalization initiative in the 1990's. After this period in which they were settled in the wrong way, without consultations with

environmental laws or technical diagnosis, such as reports that pointed to soil conditions, the resident families of the Colina Verde settlement were relocated to the João de Barro residential condominium. The research was developed in an exploratory, qualitative and field research, in which the data was extracted through interviews with the residents who now live in the João de Barro allotment, focusing on the process of their relocation. From the information obtained with the interviews it was verified that the great majority of the residents who left the Colina Verde settlement feel homesick of their ancient home, due to the social and work relations established during the 20 years in which they lived in the settlement.

Keywords: Land. Social and Collective Memory. Recycling. Topophilia.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Valeria Pereira; MAGALHÃES, Andrea Oliveira. Lixão de Gramacho: impactos do encerramento para os catadores. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 16, n. 31, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/12351/10113>>. Acesso em: 18 nov. de 2018.

BRACONS, Hélia. **Processo de realojamento e apropriação do espaço num bairro multiétnico**. 2003. 167f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Tese39v2.pdf/0bea98c2-e813-4378-9d43-68cd1c99c09c>> Acesso em: 18 nov. 2018.

BRASIL. Lei 12.305, de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, 2010. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**: São Paulo: 2007 85 p.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COLLET, Marina Lopes. **Espécies Vegetais utilizadas na alimentação humana como fator remediador de solo contaminado por metais (cobre e zinco) em antigo lixão na cidade de Xanxerê**. 2013. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas). UNOESC, Xanxerê, Santa Catarina, 2013.

DAVI, Olivandro; GIROLETTI, Regiane Mendes da Silva. **Análise da Situação Ambiental do Assentamento Colina Verde de Xanxerê-SC**. 2010. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Gestão Ambiental). UNOESC, Xanxerê, Santa Catarina, 2010.

DEBIASI, C. Moradores do João de Barro ficam doentes por falta de água potável. **Tudo Sobre Xanxerê**. 24 jan. 2014. Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/moradores_do_joao_de_

barro_ficam_doentes_por_causa_da_falta_de_agua_potave>. Acesso em 18 nov. 2018.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **Memória, tempo, identidades**. Edição Kindle editora autentica, 2010.

FARIA, Leticia. Criança de três anos morre em Xanxerê asfixiada por vermes. **Tudo sobre Xanxerê**. 11/10/2010. Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/crianca_de_tres_anos_morre_em_xanxere_asfixiada_por_vermes>. Acesso em: 27 out. 2018.

FARIA, Leticia. Futuros moradores do Residencial João de barro realizam 1º visita. **Tudo Sobre Xanxerê**. 12/04/2013 Disponível em: <http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/futuros_moradores_do_residencial_joao_de_barro_realizam_1_visita> Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

FRANÇA, Rosiléia Garcia; RUARO, Edina Cristina Rodrigues. Diagnóstico da disposição final dos resíduos sólidos urbanos na região da Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI), Santa Catarina. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n.6, p. 2191-2197, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000600026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2018.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: AYMARÁ EDUCAÇÃO, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**: São Paulo: VERTICE, 1990.

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um Novo Mundo. *GEOgraphia*, ano II, n. 3, 2000, p.111-122.

PARIZOTTO, Kátia Zgoda Maria; FAVERO, Rosângela. **Agenda 21 de Xanxerê: exercício de cidadania: plano local de desenvolvimento sustentável, PLDS: documento base**. Xanxerê, 2008

SANCHEZ, Luis Enrique. **Avaliação de Impacto Ambiental: Conceitos e métodos**. 1 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 495 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIEFEL, 1983.

TCE – TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **Portal do cidadão**. 26.06.2012.
Disponível em:
http://portaldocidadao.tce.sc.gov.br/home.php?idmenu=municipio&menu=governolicitacao&nu_ano=2012&id_modalidade=3&id_processo=738193> acesso em: 06 de janeiro de 2019.